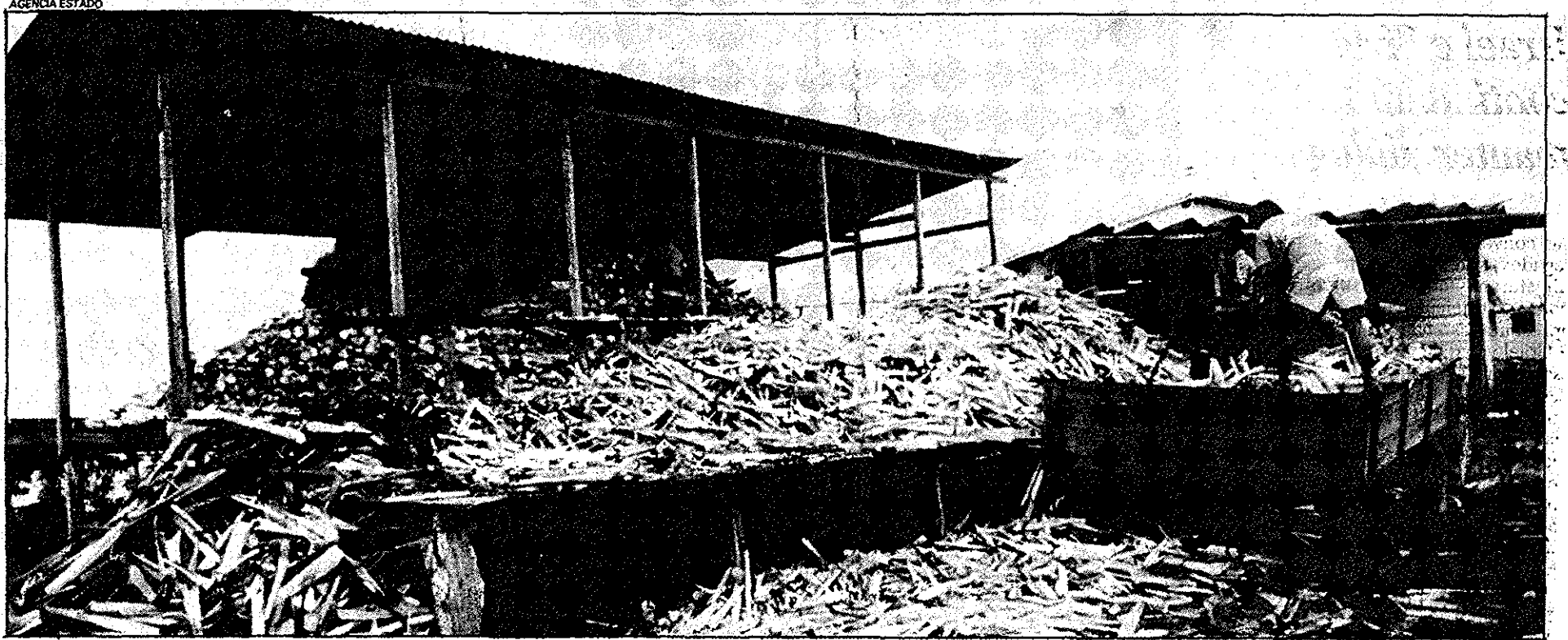


Estaleiros ameaçam a itaúba no Amazonas

Novo Airão (AM) — A ocupação sem planejamento do município de Novo Airão, localizado na margem direita do rio Negro, a oito horas de barco de Manaus (uma hora e meia em avião pequeno), está acabando com a sua principal riqueza natural, a itaúba (*Mezilaurus itauba*), árvore usada na fabricação de embarcações. Os 22 estaleiros de Novo Airão, considerados os melhores da Amazônia, geram os mais bem pagos empregos da cidade e produzem cerca de 50 barcos de médio e grande porte por ano. Só no casco de cada embarcação de médio porte (20 metros), são utilizadas em média 30 árvores de itaúba. Os maiores barcos chegam a custar Cr\$ 80 milhões.

Cidade à beira do rio Negro, Novo Airão é o exemplo de como o desenvolvimento da Amazônia não deve ser feito, segundo Evaristo Eduardo de Miranda, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA/Embrapa), que coordenou o projeto de zoneamento econômico-ecológico da área do rio Demene. Numa iniciativa da Agência Estado, o zoneamento da região, que compreende 16 sistemas ecológicos distintos, está sendo feito pelo NMA-Embrapa e Universidade Paulista (Unip)/Objetivo. A finalidade é demonstrar que a Amazônia pode ser ocupada com baixo impacto ambiental. Os madeireiros precisam se internar cada vez mais na floresta para cortar a itaúba.



As serrarias da região de Novo Airão, no Amazonas, têm sido as grandes vilãs para a extinção de árvores como a itaúba, o louro-preto e o mamui

Ofício passa de pai a filho

A profissão de carpinteiro e artífice naval foi introduzida nesta região em 1914, pela primeira Missão Salesiana. Antes, os índios da região construíam suas canoas usando apenas um grande tronco de itaúba. Hoje, apenas um agrupamento de 44 índios baniwas, do grupo oródone, vindos do rio Icano (um afluente da margem direita do rio Negro) e instalados na localidade de Pai Raimundo, na margem do rio Demene, ainda mantém a técnica de construção de canoas usando itaúna.

Mesmo depois de o ofício deixar de ser ensinado na escola dos padres, a arte da construção de barcos passou a ser transmitida em família. O carpinteiro Alcebiades Rodrigues, 45 anos, aprendeu com o pai. Hoje, ao invés de ser empregado dos grandes estaleiros, prefere trabalhar por conta própria, fazendo canoas de sete a oito metros, pelas quais cobra uma média de Cr\$ 150 mil e gasta um mês de trabalho. Nos estaleiros, profissional de carpintaria ganha de Cr\$ 4 mil a Cr\$ 6 mil por dia, mas só quando há encomendas. Os mais bem pagos, no entanto, são os calafates, que têm a delicada tarefa de vedar todas as junções dos barcos. Um barco de 30 metros leva cerca de um mês para ser calafetado. Francisco Silva de Souza, o mestre calafate, cobra Cr\$ 1,2 milhão para vedar uma embarcação de 30 metros. Como mestre, fica com Cr\$ 400 mil e divide o restante com três ajudantes. Por ser um trabalho duro, há poucos profissionais.

Paisagem intriga pesquisadores

Dentre todas as surpresas que intrigaram os pesquisadores durante a Expedição Demene, realizada em agosto, as estranhas paisagens do alto Cuieiras exerceram o maior fascínio. Após oito dias de pura planície no barco principal, encarar 300 metros de altitude, de rocha viva e rala vegetação é, no mínimo, inusitado.

Na manhã do dia 22, com o objetivo de levantar dados para o zoneamento econômico-ecológico da região, dois botes deixaram o barco principal da Universidade Paulista (Unip/Objetivo), para uma viagem de três dias pelo igarapé Cuieiras. Este nasce na Serra do Arac, a 80 quilômetros de sua desembocadura no rio Demene. Ao longo de suas margens, barrancos de uma areia muito branca se dispõem irregularmente e, sobre eles, uma estranha combinação de líquens e arbustos baixos lhe confere um aspecto nada amazônico.

Nos botes, além de dois barqueiros da região, seguiram dois pesquisadores do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA-Embrapa), um botânico francês convidado, um professor da Unip e dois jornalistas da Agência Estado. A subida levou cerca de seis horas por entre os meandros e cotovelos do igarapé e sob o sol amazônico. No início ainda apareceram alguns botos e uma aranha ligeira, mas no médio Cuieiras a fauna se limitou a uma ou duas garças reais e raros passarinhos, araras e papagaios. Já no alto Cuieiras, a visão do primeiro morro impressionou e foi festejada.



Alto Cuieiras: fascinante

Os morros contornados pelo igarapé Cuieiras são de arenito e estão cercados por uma estreita faixa de mata de terra firme. Popularmente chamados de Serrinha, tais morros são testemunhos do relevo do passado — cerca de dez milhões de anos atrás — quando toda a região sofreu um soerguimento. Com o tempo, as chuvas e os cursos d'água foram formando a bacia sedimentar onde hoje corre o Cuieiras. O que sobrou para contar a história foram as pedras mais duras, hoje expostas aos contrastes do clima local. Pequenas incrustações de mica preta — ou biotita, como preferem os geólogos — assinalam que tais pedras sofreram grandes pressões antes ainda

do soerguimento, quando estavam a uns 15 quilômetros dentro do solo.

Plantas carnívoras — Sobre a pedra pura dos lajedos sobram placas soltas, como se os morros estivessem descascando debaixo do sol equatorial. As placas de pedra servem de abrigo para um lagartinho, de 15 centímetros de comprimento, da família dos iguanas, que tem boas chances de ser uma espécie endêmica, ou seja, uma espécie que só existe naqueles lajedos.

Segundo o biólogo José Roberto Miranda, da NMA, os morros e sua vegetação muito rara e peculiar funcionam como uma ilha para a fauna. "A existência desse habitat diferente de tudo em volta, durante milhares de anos, talvez milhões, possivelmente levou a uma especiação (processo que leva à formação de espécies) e é muito provável que aqui existam espécies endêmicas", explicou o biólogo. Alguns lagartinhos capturados por Miranda foram enviados para São Paulo, onde serão identificados.

Junto às pedras nuas onde correm estes pequenos lagartos, escorre bastante água e crescem musgos e líquens. Em alguns pontos, onde se acumulam raras camadas de solo úmido, crescem flores amarelas e brancas muito pequenas, quase sem folhas, com caules da espessura e comprimento de um alfinete. Essas plantas são carnívoras e têm sua estrutura de absorção dos animais mortos de que se alimentam localizadas nas raízes, conforme observou o botânico Jean-

François Duranton.

Presas nas raízes das floreszinhas existem minúsculas bolhas. Assim que os bichinhos entram, a boca das bolhas se contraí e aprisiona as vítimas, que serão digeridas lentamente. Segundo Duranton, esse gênero de plantas carnívoras é típico de alagados e também ocorre na beira de algumas lagoas da África.

Convivendo com as plantas carnívoras, sobre a aridez do lajedado crescem ainda tufo de canela de ema, um gênero de planta característico das áreas mais pobres e encharcadas do cerrado e campos rupestres, no Centro-Oeste brasileiro. Só que estas canelas de ema, ou velozíneas, são muito menores no lajedado, parecendo uma versão miniaturizada dos desertos de pedra e oásis de tamareiras do Saara, lá chamadas de hammada. No topo de alguns morros da Serrinha, cresce ainda uma mata baixa, cheia de gravatás e espinhos, onde havia rastros recentes de anta, veado e uma manada de porco cateto.

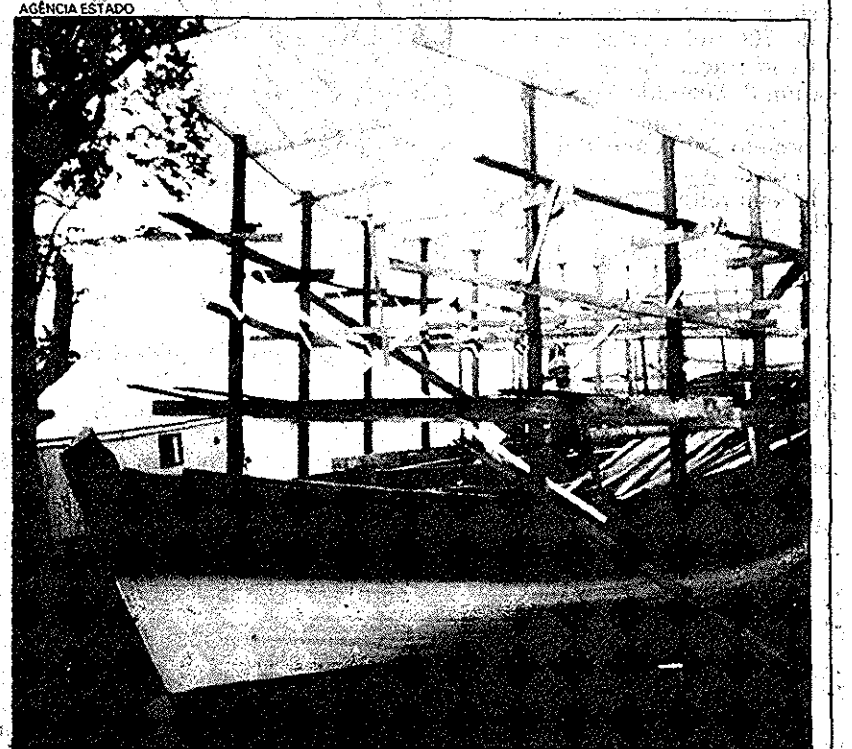
As estranhas formações do alto dos morros não esgotaram todas as surpresas do alto Cuieiras. Nas margens do igarapé, já no retorno, os pesquisadores desceram em alguns dos barrancos de areia branca, que se erguem de quatro a cinco metros acima do nível máximo do rio. "Considerávamos a ocorrência dessas areias espalhadas ao longo das margens do Cuieiras, um dos nossos maiores desafios em termos de explicação ecológica", comentou o ecólogo Evaristo Eduardo de Miranda.

Serrarias dão fim ao louro

Barcelos (AM) — Na cidade de Barcelos, na boca do rio Demene, existem duas serrarias que processam cerca de 20 e 40 metros cúbicos de madeira por semana. Ali se trabalha com duas espécies de louro — preto e mamui — que vêm das ilhas do rio Negro em toras. A madeira é cortada em tábuas e serve para a construção de casas ou para o acabamento de barcos, construídos num estaleiro vizinho. O estaleiro usa outra madeira, a itaúba, para fazer o casco dos barcos. A itaúba é tirada de terra firme e segue direto para o estaleiro, sem passar pelas serrarias.

Embora o consumo de madeira não seja alto na cidade de Barcelos, os estoques naturais de louro demonstram sinais de exaustão. Os madeireiros que há alguns anos só atravessavam o rio para cortar essas espécies, agora têm de viajar cinco ou seis dias para encontrar árvores com porte suficiente para cortar. José Almir, um dos madeireiros mais antigos, chegou a Barcelos há 20 anos, vindo de Coari, no Solimões. Agora ele é o encarregado da serraria do "Rosa Baiano", e recebe Cr\$ 10 mil por semana para fazer tábuas.

Segundo Almir, cada homem hoje ainda tira das matas de 50 a 60 toras por semana, "trabalhando dia e noite, mas precisa ir cada vez mais longe". Os madeireiros trabalham por sua própria conta e risco e recebem mil cruzeiros por metro cúbico de madeira. Convertido em nove tábuas, em média, cada metro cúbico vai render à serraria três mil cruzeiros.



A construção de um barco leva um mês e custa Cr\$ 150 mil

Pedro Rodrigues do Nascimento, outro madeireiro da cidade, se dedica a essa atividade há cinco anos e derruba de 20 a 30 árvores por semana. Ele trabalha com colegas que tenham barco, com os quais faz algumas viagens para encontrar e cortar a madeira.

Nascimento fez uma primeira viagem, este ano, para procurar madeira no rio Demene, porque o louro das ilhas do Negro está escasseando. "Árvore é como um pé de roça, se não replantar acaba", ensina. Apesar da filosofia, ele mesmo nunca plantou um pé de madeira-de-lei, limitando-se a buscar as toras sempre mais longe. "Agora tem um patrão aqui que vai tirar madeira para mandar para Manaus, vai tirar samaúma, virola e mangubarana", conta.

As três espécies não ocorrem

no Negro, mas existem nas margens do rio Demene. Estão sendo procuradas por fábricas de compensados, que pagam ao dono de uma balsa, Raimundo Susuara, para rebocar as toras até Manaus, a 430 quilômetros de distância. Outra madeira do Demene, a saboarana, também começa a entrar nas serrarias de Barcelos, sobretudo para a fabricação de móveis, batentes de porta e janelas.

Com o zoneamento econômico-ecológico do Demene será possível determinar, por exemplo, a capacidade de suporte das matas para essa atividade, que só agora começa a subir o rio. A extração seletiva de madeira não ameaça propriamente o meio, como os desmatamentos para plantio da fronteira agrícola, mas ameaça as espécies mais procuradas.